

Arquivo recebido em  
3 de outubro de 2011  
e aprovado em  
2 de novembro de 2011

V. 1 - N. 2 -  
2º Semestre de 2011

\* Flávio Honório da Silva, religioso carlista, estudante do 1º ano do curso de Bacharelado em Teologia no Instituto São Paulo de Estudos Superiores. O presente texto foi apresentado em forma de comunicação no VII Congresso de Teologia – Diálogo aberto: Teologia & Literatura no dia 28/09/2011.

## Anomia em Dostoiévski: negação de referências

Anomy in Dostoiévski:  
denial of references

*Flávio Honório da Silva\**

### Resumo

O objetivo principal do trabalho é fazer uma reflexão sobre o conceito de anomia na obra de Dostoiévski, Memórias do subsolo, analisando o individualismo exacerbado, constante insatisfação, o vácuo ético-moral acionado pelo exercício da razão entre outros elementos que podem ser entendidos como pecado social. Em uma aproximação teológica o artigo pretende estabelecer um paralelo entre anomia como pecado social e a consciência desse pecado social como abertura à salvação através do amor.

**Palavras-chave:** Anomia, pecado social, niilismo, Deus.

### Abstract

The paper aims to reflect about the concept of anomy in Notes from Underground from Dostoiévski analyzing the exacerbated individualism, constant dissatisfaction, a ethical and moral vacuum triggered by exercise of the ratio between other elements that can be understood as a social sin. In a theological approach the paper want to draw a parallel between the anomy as social sin and the consciousness of social sin as open to salvation trough love.

**Keywords:** Anomie, social sin, nihilism, God

## **Introdução**

**E**m contato com diversos setores da sociedade, o homem tece uma rede de relacionamentos com outras pessoas que deveria configurar certo equilíbrio de nível social. Quanto ao aparato religioso, isto se confronta no âmbito dos valores religiosos que compõem as relações de fraternidade, justiça e caridade. Para melhor compreender a relação que o homem possui com o estado anômico, será preciso investigar de que maneira isso age em toda uma cadeia de relações entre o homem, a sociedade e Deus, enquanto âmbito de ordem religiosa.

Para tanto, é preciso, antes de mais nada, empreender uma compreensão do termo anomia e o que isso significa em termos de natureza humana, social, religiosa e psicológica. A princípio, notamos que a anomia é um estado de falta de objetivos e perda de identidade, provocado pelas intensas transformações ocorrentes no mundo, exatamente, quando não há correspondência entre as regras morais estabelecidas e as condições sociais em que se encontra o indivíduo. Sobretudo, no momento em que ele próprio cria um sistema de regras como tentativa de expressar-se contrário a normativas sociais e religiosas, e que a partir justamente desta atitude, a sua ética brota radicalmente de uma insatisfação profunda do que já está constituído arbitrariamente.

A obra de Dostoiévski nos mostra que a modernidade fomentou tal situação, na medida em que o passar do tempo provoca novos valores, abandona os antigos e deixa à deriva pessoas que se afundam num estado anômico, sobretudo no campo social e religioso em que se insere o homem em contato com outros na inter-relação.

Para tanto, encontramos na literatura de Fiódor Dostoiévski elementos

que nos permitem debater com personagens que tipificam e perscrutam, de forma majestosa, o mais íntimo e o mais vil do complexo e profundo arcabouço do homem em sua psiqué.

Ora, os campos em que o homem está sempre mais em contato são o social e o religioso. Como no campo social, o homem se vê obrigado a responder a normas de diversas ordens, obedecendo a leis e códigos morais, sua pessoa se vê induzida a constituir um estereótipo de “bom moço” que respeita os limites do âmbito da moralidade.

Já no âmbito religioso, ele se vê conformado com as estruturas religiosas até que, fragmentado por influências externas ao seu convívio sócio-religioso, busca encontrar base sólida para fundamentar suas atitudes de cunho devocional ou doutrinal. No entanto, ao se confrontar com as rigorosas estruturas que compõem o ambiente religioso, o homem se sente desestimulado a prosseguir num caminho trilhado por afirmações religiosas sem qualquer abertura a uma interpretação que possa destoar do tradicional e religiosamente respeitado.

À medida que o homem encontra distorções em ambos os elementos e questiona os fundamentos teóricos que, aparentemente, lhe oferecem uma segurança e um depósito de fé através de influências exteriores, é previsível que ele rompa com a rigidez das normas, leis e códigos morais submetido a responder com advertências e, em casos mais graves, em punições a fim de enquadrá-lo em matizes normativas.

### **Anomia social e religiosa**

Ao abordarmos a anomia no contexto social e religioso, queremos identificar aqui o fato de que o homem, no contato direto com um mundo em constante transformação, de valores e referências, acaba por se encontrar num estado de perene desorganização pessoal o que acarreta

desequilíbrio em sua relação e participação como cidadão, e como tal lhe é exigido corresponder a rígidas exigências, atender a normativas e leis a fim de melhor corresponder e obedecê-las através de instrumentos institucionalizados do circuito social.

Isso aparece claramente na obra *Memórias do subsolo*. O personagem desta obra, sem nome, traz consigo traços de uma personalidade constituída por força de realidades e implicações diretas ao âmago do ser humano.

Trata-se de um funcionário público que, apesar de sua posição, encontra-se inconformado com sua situação de desprezo, e percebe um fervilhar de elementos contrários dentro de si. Envolve-se consigo mesmo em um solilóquio acerca de questões relativas ao homem do século XIX, sobretudo a forte crítica ao determinismo e a resposta que é devida à sociedade no que concerne as suas responsabilidades e atitudes mediante códigos morais nas diferentes relações humanas.

Esse personagem enfatiza o antagonismo, vivido ainda hoje, entre a ânsia de viver com alegria, felicidade e prazer e as exigências que nos são impostas para controlar nossos desejos mais íntimos. Isto, por sua vez, é visto de um modo que corrobora a permanência no quadro de moralidade dos costumes ou então, para um estado de anomia, enquanto negação de parâmetros moralizantes de algo externo ao indivíduo.

Diante desta constatação, temos presente, exatamente, tal conflito no personagem de *Memórias* que se vê obrigado a confrontar-se com sua natureza e com a moralidade externa.

Constantemente observava em mim uma enorme quantidade de elementos contrários a isso. Sentia-os fervilhar dentro de mim. Sabia que em toda a minha vida eles fervilharam dentro de mim e ansiavam por sair, mas eu não deixava.<sup>1</sup>

---

1. DOSTOIEVSKI, Fiódor. *Notas do subsolo*. Trad. de Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 13.

Assim, o homem acaba por entrar em choque com sua consciência e o que advém do externo, da estrutura “natural” da sociedade, devido à constante necessidade de corresponder ao corpo social e equilibrar o desejo pessoal às intensas transformações que atingem a todos.

Agora vivo no meu canto, provocando a mim mesmo com a desculpa rancorosa e inútil de que o homem inteligente não pode seriamente se tornar nada, apenas o tolo o faz (...) o homem do século XIX que possui inteligência tem obrigação moral de ser uma pessoa sem caráter. 2

Esta atitude do homem do subsolo corresponde ao que Pondé, ao referir-se a Dostoiévski, diz que, para o literato russo, a grande tragédia da modernidade, é a destruição da natureza, pois o ser humano, como ser de natureza, não é capaz de sustentar a si mesmo<sup>3</sup>. Ocorre com isso o conflito no campo da razão como um movimento de radicalidade absoluta do ceticismo que destrói todos os mecanismos de autobajulação da natureza.

Presente nesta situação de inconstância e desajuste<sup>4</sup> encontramos o personagem de *Memórias* de um ponto de vista anômico inicial pois este “homem do subterrâneo é aquele que sabe que está perdido no infinito que, quando olha para dentro de si mesmo, não encontra nada a não ser um eterno deslizar de significado sobre significado, mas que, na realidade,

---

2. Ibidem,

3. PONDÉ, Luiz Felipe. *Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski*. São Paulo: Ed. 34, 2003. p. 210.

4. Há também neste meio convulsivo de transformações, a verificação da existência de personalidades distintas dentro do quadro social que influenciam, posteriormente, sua natureza psíquica, visto que para ambas são dirigidas igualmente as obrigações éticas.

Ocorre, porém, que é necessário também compreender para uma realidade que está presente em nosso meio mesmo que às ocultas e tão somente na mente de uma pessoa. Tal realidade se configura no fato de que “se uma pessoa não goza de uma organização interna que regule sua conduta, não pode ficar contente com esse desajuste inicial, que impossibilitaria uma verdadeira existência humana. Deste ponto de vista poder-se-ia afirmar, com toda a verdade, que a ética brota radicalmente de uma insatisfação profunda” cf. LOPEZ AZPITARTE, Eduardo. *Culpa e pecado: responsabilidade e conversão*. Trad. de Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2005. pp. 21-22).

não é nada: ele é o que descreve e, ao mesmo tempo, não é”.<sup>5</sup>

O homem do subsolo está em contraposição ao homem de ação, fortemente, criticado por adequar-se a um muro, como simbologia de determinação de suas ações, ao obedecer regras e normas impostas pela sociedade. Mesmo assim, “nunca se deveria esquecer que aquilo que é mandado pela moral é o que, em última instância, o indivíduo deseja ardentemente a partir do mais profundo do seu ser”<sup>6</sup>. Este muro presente em nossa sociedade confere aos indivíduos estabilidade e segurança, visto que, na verdade, “o muro não significa desvio (...) possui para eles algo que acalma, que soluciona a situação do ponto de vista moral, e é definitivo; talvez até possua algo místico”.<sup>7</sup>

Marcado pelo determinismo em sua personalidade como fruto da construção realizada no âmbito social, encontramos o homem do subsolo que, confrontado com as normas, procura atender, sobretudo, à sua natureza de caráter instintivo. Este mesmo homem combate tal construção provocada e forçosamente inculcada na psiqué humana de um ser como produto da sociedade, como produto de mecanismos psicossociais. Para bem compreendermos a atitude deste arcabouço existencial em que nosso homem do subsolo encontra-se, veremos que este se autodescreve como um camundongo, que ruma em sua consciência, seu caráter anômico: “esse homem às vezes vai dobrar-se tanto de sua antítese que, com toda a sua consciência amplificada honestamente vai se considerar um camundongo, e não um homem.”<sup>8</sup>

O homem do subsolo caracteriza-se, fortemente, por sua natureza vingativa e de um instinto de superioridade frente os demais por haver tido uma rejeição de sua pessoa e que o tornou o mais repulsivo a toda a uma

---

5. Ibidem, *Crítica e profecia*, p. 202.

6. Ibidem, *Culpa e pecado*, p. 27.

7. Ibidem, *Notas do subsolo*, p. 18.

8. Idem, p. 19.

estrutura e suas leis, normas fundamentadas para satisfazer tão somente a outros e não a si próprio. O resultado desta sua repugnância se expressa de modo claro na imagem do camundongo no interior de seu subsolo.

E o principal é que ele mesmo que se considera um camundongo, ninguém lhe pede que o faça; esse é um ponto importante. Suponhamos que ele se sinta também ofendido (e quase sempre se sente) e que também deseje se vingar. Vai acumular em si mais ódio do que l'homme de la nature et de la vérité. A vontadezinha repugnante, vil, de causar ao ofensor um mal equivalente à ofensa recebida, talvez fique corroendo dentro dele mais do que no homme de la nature et de la vérité, porque este, com sua estupidez inata, acha que sua vingança é simplesmente justa.<sup>9</sup>

Com tal afirmação retirada do personagem de *Memórias*, desencadeia-se daí uma nova postura que irá reger sua conduta e também sua personalidade sobre as quais incidirão as relações com outros personagens presentes na obra. Desta maneira, muitas vezes encontramos pessoas que, porventura, instruídas pela moralidade e abandonando esse substrato decidem por agir a fim de satisfazer seus próprios interesses arriscando-se a advertências e punições resultantes de seus atos.

Disso podemos deduzir uma ação anômica em relação à sociedade enquanto espaço público de atuação, com suas normas e leis de ordem moral, jurídica, enfim, num movimento desenfreado de desrespeito social aos demais concidadãos.

Abrupta e inesperadamente, pessoas de boa índole se desfazem de tudo quanto foi construído por elas próprias, chocando a muitos de seu círculo de convívio e tomando uma atitude que questione e coloque em crise a outros que possuíam um estereótipo desta mesma pessoa.

Eu tenho um amigo (...) ele falará aos senhores com paixão e emoção sobre os interesses humanos normais e verdadeiros (...) e, exatamente, quinze minutos depois, sem que haja

---

9. Idem, p. 19.



qualquer motivo repentino e exterior, mas precisamente por alguma coisa interna que é mais forte do que todos os seus interesses, ele aprontará uma das suas, fará claramente o inverso do que dissera pouco antes: agirá contra as leis da razão e contra os próprios interesses, ou seja, contra tudo... Quero preveni-los de que meu amigo é um personagem coletivo, por isso é um pouco difícil condenar só a um.<sup>10</sup>

O que impressiona neste trecho é sua frieza em explicitar que tal comportamento ganha uma dimensão coletiva diante das exigências para corresponder com afinco às petições e obrigações sociais cada vez mais conflitantes, contraditórias e hipócritas, presentes em diversos setores da estrutura orgânica de uma sociedade.

(...) se o homem não se tornou mais sanguinário com a civilização, tornou-se, com certeza, um sanguinário pior, mais hediondo. Antes ele via no derramamento de sangue um modo de fazer justiça e com a consciência tranqüila massacrava aqueles que julgava merecê-lo; hoje, ainda que julguemos que derramar sangue seja uma torpeza, mesmo assim o praticamos, e ainda mais do que no passado.<sup>11</sup>

Dostoiévski desmascara o gênero humano ao revelar, através de sua obra, o quanto o ser humano se torna um simples objeto de uso e pesquisa em relação a parâmetros de avaliação em conduta moral e o quanto isto provoca conseqüências que, em algum momento, já possa ter chocado a tantos homens e mulheres.

(...) constantemente aparecem na vida pessoas tão corretas e sensatas, tão sábias e amantes do gênero humano que assumem como seu objetivo de vida comportar-se da maneira mais correta e sensata possível para, por assim dizer, ser uma luz para os demais, provando para eles que é possível de fato viver neste mundo de maneira correta e sensata. E daí? Sabe-se que muitos desses amantes do gênero humano, uns mais cedo, outros mais tarde, alguns já no fim da vida, traíram a si mesmos (...).<sup>12</sup>

---

10. *Idem*, p. 31.

11. *Idem*, pp. 33-34

12. *Idem*, pp. 40-41.



## Pecado e niilismo

Se olharmos o efeito das ações humanas em detrimento de uma constituição psicológica, estas são fruto de uma sociedade que descaracterizou o ser humano para enquadrá-lo e satisfazer o estatuto social sem olhar o próprio homem enquanto sujeito histórico-social.

O que se passa com o personagem de *Memórias do subsolo* é que este corresponde a uma realidade mascarada por elementos próximos a ele. Ou seja, ele é a clara expressão de que “não somos realmente livres, pois temos uma série de constrangimentos sociais, de convívio e uma série de constrangimentos psicológicos ou interiores – Dostoiévski entende por constrangimentos psicológicos como os efeitos do pecado sobre o ser humano”.<sup>13</sup>

A crítica literária de Dostoiévski reforça isto ao abordar em seus personagens um constante abandono de posições, uma mostra de dissonância interna contínua. Ainda podemos acrescentar a ideia da crença em si mesmo, entendido como teofagia, ou seja, a destruição da imagem de Deus que implica diretamente na antropofagia, pois, segundo Pondé, na medida em que o ser humano perde o referencial vertical, ele se desfaz, se dissolve e o que sobra é o espetáculo do niilismo, o espetáculo da dissolução da condição humana.<sup>14</sup>

Com esta argumentação, torna-se explícito que o “ser humano que procura definir a si mesmo como um ser livre, só pode acabar em um niilismo psicológico, pois ele descobre que suas ideias mudam de uma hora para outra, ele não tem certeza de critério algum”.<sup>15</sup>

Consequentemente, se expressa, dessa maneira, uma forte incidência de uma forma de pecado, qual seja, o de caráter social. Apesar de se situar

---

13. *Ibidem*, *Crítica e profecia*, p. 177.

14. *Idem*, p. 179.

15. *Idem*, p. 180.

tão próximo de nós se torna estranho visto que o pecado possui um caráter individual, mas que afeta, posteriormente, a harmonia interna do ser humano e viola os direitos alheios ao agir com iniquidade e contra a justiça.

Compreende-se, assim, que “uma sociedade que produziu tantas barbaridades e que ainda gera uma abundante e profunda perversão deveria ser condenada eticamente como injusta e, de um ponto de vista religioso, como pecadora”<sup>16</sup> visto que ela é composta por homens e mulheres, o pecado social abarca todas aquelas atitudes que afetam diretamente o mundo de nossas relações com os outros e que se concentram, sobretudo, no campo da justiça. De acordo com López Azpitarte, “todo ato cometido contra os direitos da pessoa ou de outros grupos e comunidades reveste também este caráter social”<sup>17</sup>:

O pecado não só tem uma repercussão individual e pessoal, mas encerra também outra dimensão social e comunitária ao violentar a justiça e o direito de Deus e do próximo, invadindo fronteiras que não nos pertencem. (...) No âmbito religioso o termo expressa, portanto, a ruptura de uma comunhão com Deus, a ruptura de certas relações de amizade, em que a ênfase é posta na vontade daquele que toma a decisão<sup>18</sup>.

O pecado que acomete a todos também se dirige à imagem de Deus, já citado anteriormente, pois acaba por atingir ao homem, na antropofagia. Quando se fala em Deus, este se encontra morto no meio social, e citá-lo possui apenas expressão do sobrenatural. O resultado desta morte de Deus enquanto pecado social e também estrutural é que nós seres humanos, segundo Pondé, estamos querendo nos salvar à custa de nossa bondade, de valores bons que a humanidade teria construído<sup>19</sup>.

Toda esta cadeia de elementos referentes ao pecado, o ser humano e

---

16. *Ibidem*, *Culpa e pecado*, p. 161.

17. *Idem*, p. 162.

18. *Idem*, pp. 102-103.

19. *Ibidem*, *Crítica e profecia*, p. 189.

a sociedade coincidem que é possível perceber nos escritos literários de Dostoiévski “essa experiência da desorientação da autonomia, essa agonia do pensamento vagando e percebendo que não é capaz de se autofundar.”<sup>20</sup>

## **Conclusão**

Em relação ao ser humano, o rompimento com o niilismo e a negação da condição pecadora retoma o sentido da liberdade, porém, uma liberdade parametrizada pelo amor visto que ela é consequência da liberdade interior, ou seja, da ordem da graça.

Cabe a nós, enquanto sujeitos histórico-sociais resgatar o fundamento dos valores como a justiça, o perdão e resgatar a condição de dignidade do ser humano para fazê-lo descobrir que não há outro fundamento do próprio ser humano e da sociedade na consolidação e refundação dos valores éticos e religiosos a não ser o próprio Deus.

Conclui-se, portanto, que a anomia em sua conotação social e religiosa nega os valores atribuídos à sociedade e à religião e, mais do que isso, nega ao ser humano, sua humanidade. Cabe, pois, a ele superar o posicionamento anômico retomando a condição de ser livre e responsável, e quanto à religião, reforçar a imagem de Deus como fundamento dos valores que também regem as relações entre os homens na sociedade e na religião.

## **Referências Bibliográficas**

- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Notas do subsolo*. Trad. de Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Porto Alegre: L&PM, 2010
- LÓPEZ AZPITARTE, Eduardo. *Culpa e pecado: responsabilidade e conversão*. Trad. de Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2005.
- PONDÉ, Luiz Felipe. *Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski*. São

---

20. *Idem*, p. 190.

Paulo: Ed. 34, 2003.

RAJER, Franco. Uma “força anômica” na Literatura. Revista Online de Literatura e Lingüística. Revista Eutomia. Ano I – nº 01. pp. 283-295.